

A PROGRESSÃO TEXTUAL EM NARRATIVA FICCIONAL

Rosângela Ribeiro da Silva Justoⁱ

Valdir Vegini²

RESUMO. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise linguística de um texto ficcional produzido por uma aluna do curso de capacitação para professores indígenas, que ocorreu em janeiro último em Ouro Preto do Oeste/RO. O tema, “Um dia na pele de um rato”, sugerido pelo docente da disciplina “Língua materna” e coautor deste artigo, é analisado sob a perspectiva da Linguística Textual e busca deslindar as estratégias de progressão textual utilizadas pela aluna. Da análise realizada, observa-se que a progressão ou a sequenciação é garantida por procedimentos de reiteração de itens lexicais, continuidade temática, recorrência de um mesmo tempo verbal e, ainda, por articuladores textuais de conteúdo proposicional como marcadores de relações espaço-temporais e indicadores de relações lógico-semânticas. O conjunto desses recursos utilizados dá à história fluidez e textualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Texto ficcional; Linguística textual; progressão textual; sequenciação e textualidade.

ABSTRACT. This present article has as aims to show a linguistic analysis of a fictional text produced by a student of course for indigenous teachers, which occurred last January in Ouro Preto do Oeste / RO. The theme, "One day in the shoes of a rat", suggested by the teacher of the subject "mother tongue" and co-author of this article, it is analyzed from the perspective of Linguistics Textual and search unravel the strategies of textual progression utilized for students. From the analysis, observed itself that the progression or sequencing is guaranteed by the procedures of repeated lexical items, thematic continuity, recurrence of the same tense, and even for textual connectives of propositional content as markers of spatial-temporal relationships and indicators logical-semantic relations. This set of resources used gives the story flow and textuality.

KEY-WORDS: Fictional text; Linguistics Textual; textual progression; sequencing and textuality.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Progressão textual

A palavra progressão suscita imediatamente a ideia de progresso, avanço, ir em frente. Essa é uma noção que facilmente vem à mente dos brasileiros já que está eternizada na bandeira nacional ao lado da palavra ordem: “Ordem e Progresso”, lema oriundo do sociólogo positivista August Comte. Para o dicionário Aurélio e Houaiss, progressão é, respectivamente, “a sucessão ininterrupta dos estágios dum processo” e “continuação dos estágios de um processo”. Da definição de ambos os dicionários pode-se inferir que “progressão” tem a ver com o avanço das ideias ou a prospecção das informações dentro de um texto. O termo ganha enfoque mais

específico, no entanto, na obra “Desvendando os segredos do texto” de Koch (2002, p.121). Para essa autora, progressão textual” ou sequenciação

diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmos sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir.

Assim, a progressão de um texto é garantida por mecanismos de sequenciação próprios da língua e pode se realizar, essa autora,

por meio de atividades formulativas em que o locutor opta por introduzir no texto recorrências de variados tipos, entre os quais podemos destacar: reiteração de itens lexicais, paralelismo, paráfrases, recorrência de elementos fonológicos, de tempos verbais etc.

A respeito, observa Mondada (apud MARCUSHI, 2008), que discurso realiza-se constantemente por “ativações e desativações”. Do ponto de vista discursivo, uma informação ativada pode ser mantida mediante estratégias anafóricas (sejam elas pronominais ou nominais, entre outras) e com isso manter o tópico em andamento. Para Costa Val (1999), a progressão do texto pode ser percebida sob o plano da coerência e da coesão:

No plano da coerência percebe-se a progressão pela soma de idéias novas as que já vinham sendo tratadas. No plano da coesão, a língua dispõe de mecanismos especiais para manifestar as relações entre o dado e o novo.[...] A progressão pode se fazer pelo acréscimo de novos comentários a um tópico, ou pela transformação dos comentários em novos tópicos.(p.23-4)

Assim, segundo ela, o texto garante a progressão utilizando-se da coerência e coesão de formas distintas, esta através de elementos lingüísticos que a possibilitam, aquela através do acréscimo de ideias. O texto, portanto, não deve limitar-se a meras repetições, é necessário que revele novas informações a respeito do assunto retomado, dando sentido ao texto e fazendo-o avançar, progredir.

Koch (2002, p.131) afirma que o acréscimo de novas informações é que dão continuidade ao texto, ou seja, a progressão

Dar continuidade, portanto envolve progressão. A progressão textual, por sua vez, necessita garantir a continuidade de sentidos, o constante ir- e- vir entre o que foi dito e o vir-a-ser dito responsável pelo entretecimento dos fios do discurso.

A progressão textual proporcionada pela continuidade é garantida pelos segmentos relacionados com o tema geral ou tópico discursivo que se mantém no texto por algum tempo, através das retomadas de conceitos e ideias, após o qual ocorre a inserção de um novo segmento tópico. E, a fim de assegurar a constante movimentação do texto, ou seja, o “ir-e-vir” e o “vir-a-ser” que lhe garantem a progressão, o produtor ainda dispõe de estratégias relevantes para lhe auxiliar, como a recorrência, conforme assegura Koch (2002, p.121):

progressão textual pode realizar-se por meio de atividades formulativas em que o locutor opta por introduzir no texto recorrências de vários tipos, entre as quais se podem destacar: reiteração de itens lexicais, paralelismos, paráfrases, recorrência de elementos fonológicos, de tempos verbais etc.

O encadeamento de segmentos textuais que garantem a progressão textual é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos lingüísticos que se denominam articuladores textuais ou operadores do discurso.

Tais articuladores podem relacionar elementos de conteúdo, ou seja, situar os estados de coisas de que fala o enunciado no espaço e/ou tempo, bem como estabelecer relações de tipo lógico-semântico; podem estabelecer relações entre dois ou mais atos de fala; e podem, ainda, desempenhar, no texto, funções de ordem meta-enunciativas. (KOCH, 2002, p.133)

Enfim, os articuladores textuais, as diversas formas de recorrência e a continuidade temática são estratégias utilizadas para manter e promover a progressão das ideias de um texto.

2. METODOLOGIA

Em janeiro do corrente ano, o coautor deste artigo lecionou a disciplina “Língua Materna” (80 h/a) como parte do curso de “Formação continuada para professores indígenas” promovido pela Secretaria da Educação do Estado de Rondônia no Centro de Treinamento da EMATER, às margens do BR 364, município de Ouro Preto do Oeste. Na ocasião, para motivar os alunos a produzirem textos com maior qualidade e em maior quantidade, o docente optou pela metodologia do texto ficcional (cf. ANDRÉ, 1986), desvinculando essas atividades das tradicionais sugestões de contação de lendas e mitos, que são excelentes pedidas, mas nem sempre do conhecimento dos alunos mais jovens. A solução, então, foi propor que produzissem textos ficcionais, imaginativos, cujo pano de fundo fosse a realidade vivenciada em suas comunidades de origem. Nesse sentido, foi-lhes solicitado que

elaborassem histórias em sua língua materna e em português a partir do *slogan* “Um dia na pele de...”. (ANDRÉ, 1986) . Surgiram textos de todos os matizes, entre os quais “Um dia na pele de um rato”, objeto de análise deste artigo. Concluída a etapa de elaboração, todos os textos produzidos foram digitados e exibidos em tela do computador e submetidos à revisão coletiva, tanto de conteúdo quando de forma. A versão final da “história do rato” nos dois idiomas, Língua Portuguesa e Aikanã, são transcritas a seguir; todavia, a análise textual será realizada apenas no texto elaborado em língua portuguesa.

3. CORPUS DA ANÁLISE

Povo: Aikanã (língua isolada)

0	<u>Um dia na pele de uma rata</u>
1	Ao acordar pela manhã, <u>eu percebi</u> que <u>eu</u> era uma rata e logo me <u>escondi</u> num buraco.
2	Quando <u>anoiteceu</u> , e todos <u>estavam</u> dormindo, <u>eu saí</u> do buraco e <u>comecei</u> a andar pelas
3	casas, correndo e fazendo barulho até que <u>encontrei</u> as mercadorias num armário e
4	<u>comecei</u> a roer cada pacote de alimento. Foi assim que <u>eu fiz</u> a maior bagunça. No dia
5	seguinte, o dono da casa <u>viu</u> e <u>ficou</u> muito bravo e <u>começou</u> a reclamar dos estragos que
6	<u>eu tinha</u> feito. Ainda bem que o dono não me <u>viu</u> porque eu estava escondida no buraco.
7	Durante o dia <u>eu fico</u> no buraco ou num lugar bem escondido para eu poder dormir.
8	Quando <u>anoitece</u> , <u>eu saio</u> para roer as coisas. Ninguém <u>gosta</u> de mim. Sou tão sozinha. só
9	me <u>resta</u> é roer e roer.

67

<u>Hisas dau di'e</u>
Kerzidane dau ditenaekae.
Kenudurika'ine warekadurikapü ürüdae, hena hiririnena amü awiinedukarina warekiwapü kezane warekarikapee, darakarikapee, hena urikii sirikapa' I apakapü kiikadipapü kayae zuririkape dizae.
Derinena zare apa'hepü hehezae kiapü dukii' apaderiapü kawae,hina apa'hanae henudurikaine tukadurikae.
Kawa'e drinenake henudurikaine tukaduri ka'e äwiika'e e hena hikiranenake warekiikawa'e tara kaukasaeyee.
Hisaye arakukadukarie, amiine erüakarüpee taraheneye kiikasaeyee.

4. ANÁLISE DO TEXTO

4.1.Reiteração de itens lexicais

Ao utilizar a expressão “roer e roer” (linha 9), como fechamento do texto, a aluna indígena manifesta seu desapontamento no entardecer de seu dia na pele de um roedor, um destino verdadeiramente atroz, absolutamente desumano. A

reiteração do verbo roer no parágrafo que encerra a narrativa de ficção “Ninguém gosta de mim, sou tão sozinha, só me resta roer e roer” (linhas 8 e 9) confere ao texto uma conotação de perenidade, infinitude, bem diferente do que se o tivesse utilizado apenas uma vez. (KOCH, 2002) É o destino eterno de todo rato: “só me resta roer”, na realidade um fardo, difícil de ser carregado porque requer solidão e escuridão na lida diária, sem amigos, sem ser querida de ninguém: “sou tão sozinha” (linha 8). A frase dita por um ser humano na pele de um rato, está também impregnada do seu conhecimento prévio da rejeição que sofrem não somente os ratos, mas todos os seres humanos vítimas do preconceito e da humilhação.

4.2.Recorrência de um mesmo tempo verbal

A recorrência à utilização de um mesmo tempo verbal no decorrer de uma narrativa, seja ela ficcional ou não, pode, segundo Koch (2002), indicar, a quem lê ou ouve o texto, qual a intenção interpretativa que seu autor quer imprimir ao comentário ou relato, se a perspectiva das ações é retrospectiva, prospectiva, zero ou ainda, como neste caso, se se trata de primeiro ou segundo plano no relato. Ao se observar os tempos verbais utilizados (linhas de 1 a 6) no texto, constata-se uma ampla predominância do pretérito perfeito; já nos dois últimos parágrafos (linhas de 7 a 9), o presente do indicativo. É um forte indício de que os primeiros parágrafos, marcados pelos verbos no pretérito perfeito, contêm relatos de “primeiro plano”, isto é, são ações já concluídas que iniciaram a narrativa, (SACCONI, 2006); para o segundo plano, foram usados os verbos no presente, pois indicam ações em andamento, ou seja, estão acontecendo no momento da enunciação (SACCONI, 2006).

4.3.Progressão por continuidade temática

A progressão por continuidade temática, estratégia para viabilizar o constante movimento do texto, realiza-se nas narrativas pelo uso de itens lexicais pertencentes a um mesmo campo semântico/lexical ou de itens que designam elementos integrantes de um mesmo modelo mental. É o caso da “ativação” (KOCH, 2002 e MARCUSHI, 2008) do emissor do texto “eu” (linhas 1, 2, 4, 6, 7 e 8) que remete o leitor o tempo todo à narrativa de ficção centrada no emitente, onde é contado o dia de um rato. É provável que a escritora do texto tenha se utilizado dessa estratégia

de repetição como forma de não se desvincular da proposta do docente para a produção do texto, que era a de se imaginar na pele de um animal. Ou ainda, fosse difícil para ela acreditar que era, de fato, um rato vivendo as situações narradas. Daí a necessidade da ativação do “eu” para que ela mesma se assegurasse de que estava sendo acreditada pelo leitor do texto. Já a repetição do articulador sintático “e” confere ao texto a idéia de acréscimo de informações, como pode ser vista nos excertos textuais transpostos a seguir:

1ª- “ e me escondi num buraco.” (linha 1)
2ª “e todos estavam dormindo...” (linha 2)
3ª “e comecei a andar pelas casas...” (linha 2)
4ª “ e correndo e fazendo barulho...” (linha 3)
5ª “e comecei a roer cada pacote de alimento.” (linha 3 e 4)
6ª “e ficou muito bravo...” (linha 5)
7ª “e começou a reclamar dos estragos...” (linha 5)
8ª “e roer e roer.” (linha 9)

Todas esses operadores argumentativos estão ligados à informação principal do texto “eu percebi que eu era uma rata” (linha 1), estabelecendo uma relação de adição, de acréscimo. A par disso, o encadeamento das informações dadas por esses articuladores fornece ao texto a idéia de sequenciação lógica das ações, tanto as relacionadas à narradora e à rata quanto ao dono da casa. O quadro abaixo ratifica essa constatação.

Ações relacionadas à narradora (rata)	Ações relacionadas ao dono da casa
“e me escondi” (linha 1) “e comecei a andar pelas casas” (linhas 2 e 3) “e correndo e fazendo barulho”; (linha 3) “e comecei a roer cada pacote...” (linha 4) “roer e roer” (linha 9)	“e todos estavam dormindo”; (linha 2) “e ficou muito bravo”; (linha 5) “e começou a reclamar”. (linha 5)

Toda essa ordenação sequencial tem por intuito a progressão, não podendo esse texto ser tratado como de um aglomerado de frases isoladas, mas de um contínuo textual dotado de sentido. (KOCH, 2002:131)

4.4. Marcadores de relações espaço-temporais como indicadores de sequenciação ou progressão.

Os marcadores de relações espaço-temporais são articuladores textuais de conteúdo proposicional. Esses marcadores situam os estados das coisas que o enunciado fala no espaço e/ou no tempo, contribuindo para dar progressão ao texto. É o caso da ordem em que esses marcadores aparecem no texto da aluna indígena:

1ª) Ao acordar pela manhã (linha 1)
2ª) Quando anoiteceu (linha 2)
3ª) No dia seguinte (linha 4 e 5)
4ª) Durante o dia (linha 7)
5ª) Quando anoitece (linha 8).

Essa sequência poderia ser representada de outra forma:

Ao acordar pela manhã → *Quando anoiteceu* → *o dia seguinte* → *Durante o dia* → *Quando anoitece.*

Os articuladores temporais presentes no texto se dividem em dia (“manhã” e “dia”, (linhas 1 e 4)) e noite (“anoiteceu” e “anoitece” (linhas 2 e 8)), intercalados pela expressão “No dia seguinte” (linhas 4 e 5), assegurando, mais uma vez, a progressividade, a continuidade, a sequência do texto.

Além disso, esses marcadores temporais permitem à autora da narrativa estabelecer uma oposição entre as atividades normais da maioria dos humanos, a de dormir à noite e permanecer em vigília durante o dia (linhas 2, 4 e 5), diferente dos ratos, que permanecem em vigília durante a noite para poder procurar sossegados suas fontes de sobrevivência tão fartamente deixadas à mão pelos homens nesse período do dia (linhas 2, 3 e 8).

4.5. Indicadores de relações lógico-semânticas

Os indicadores de relações lógico-semânticas se entrelaçam no enunciado indicando relações causais e finalísticas através do articulador “porque” (linha 6) e “para” (linhas 7 e 8), respectivamente. Por meio deles, a escritora esbanja esperteza e sagacidade por não se deixar ver pelo dono da casa, possíveis graças a seus

hábitos noturno (linha 7) e de sair quando anoitece (linha 8). Por conta de sua sobrevivência, a roedora vive dia após dia seu entediado destino: esconder-se durante o dia e sair da toca durante a noite, “dormir” e “roer as coisas”.

5. CONSIDERAÇÕES

A produção de um texto, tarefa tão árdua para alguns, pode fornecer farto material para estudo, como é o caso deste pequeno relato analisado. Vários foram os mecanismos utilizados, inconscientemente, para impregná-lo de progressão. Isso permitiu que ele fluísse de forma mais natural, com certeza, por conta das estratégias e do método de ensino utilizados, que oportunizaram à aluna uma atividades de escrita liberta de preocupações gramaticais e repleta de fantasia e imaginação. Diferente de textos engessados pelo peso da gramática normativa, esse tipo de produção ficcional ou imaginativa, à luz da Linguística Textual, vai permitir desvendar com maior propriedade as estratégias que subjazem ao ato da construção de um texto. Analisado sob essa ótica, do texto emergem os processos que seu produtor recorreu para construí-lo, ao mesmo tempo em que abre uma gama enorme de possibilidades de outras análises linguísticas. Este mesmo texto, por exemplo, poderia ser analisado sob diversos outros enfoques, todos, seguramente, repletos de descobertas interessantes.

O que se pode concluir, por fim, é que o uso (inconsciente ou não) de mecanismos de recorrências à reiteração de itens lexicais a um mesmo tempo verbal, de continuidade temática, de marcadores de relações espaço-temporais e de indicadores de relações lógico-semânticos no texto produzido da aluna indígena do povo Aikanã imprimem à narrativa ficcional fluidez e textualidade.

NOTAS

¹ Mestranda em Letras pela UNIR/ Pós-Graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR - e em Educação Inclusiva pela FAP-Faculdade de Pimenta Bueno; Graduada em Letras/Português e suas respectivas Literaturas pela UNIR.e-mail:rosangelarsj2@bol.com.br

² Doutor em Letras/Linguística, Professor do Departamento de Línguas Vernáculas da UNIR/PVH.Professor da disciplina de “Linguística textual no contexto amazônico” do Mestrado em Letras/UNIR.e-mail: vveginí@gmail.com

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, A. **Redação em grupo**. V. 1 e 2. São Paulo: Editora Moderna, 1986.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo:
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002
- MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática Contemporânea: teoria e prática**. São Paulo, Escala Educacional, 1ª ed., 2006.